

Luiz Antonio Machado da Silva

Rio 2016: As olimpíadas da crise

Avertissement

Le contenu de ce site relève de la législation française sur la propriété intellectuelle et est la propriété exclusive de l'éditeur.

Les œuvres figurant sur ce site peuvent être consultées et reproduites sur un support papier ou numérique sous réserve qu'elles soient strictement réservées à un usage soit personnel, soit scientifique ou pédagogique excluant toute exploitation commerciale. La reproduction devra obligatoirement mentionner l'éditeur, le nom de la revue, l'auteur et la référence du document.

Toute autre reproduction est interdite sauf accord préalable de l'éditeur, en dehors des cas prévus par la législation en vigueur en France.

revues.org

Revues.org est un portail de revues en sciences humaines et sociales développé par le Cléo, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

Référence électronique

Luiz Antonio Machado da Silva, « Rio 2016: As olimpíadas da crise », *IdeAs* [En ligne], 7 | Printemps/Été 2016, mis en ligne le 03 juin 2016, consulté le 01 juillet 2016. URL : <http://ideas.revues.org/1396>

Éditeur : Institut des Amériques

<http://ideas.revues.org>

<http://www.revues.org>

Document accessible en ligne sur :

<http://ideas.revues.org/1396>

Document généré automatiquement le 01 juillet 2016.

IdeAs - Idées d'Amérique est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.

Luiz Antonio Machado da Silva

Rio 2016: As olimpíadas da crise

Introdução

- 1 Começo lembrando o que nem sempre está presente na reflexão: os Jogos Olímpicos são um longo *processo* polissêmico e imprevisível e não um acontecimento unívoco, não obstante as antecipações que tentam unificar seu “legado” provável. Eles engajam uma multiplicidade de agentes com seus interesses, opiniões e divergências, que vão muito além dos atletas, organizadores e públicos das disputas esportivas. Como qualquer processo que não é autoctone, os Jogos Olímpicos abrem horizontes de confrontos diversificados para si mesmos e reconfiguram, onde ocorrem, o caráter sempre multifacetado da luta social rotineira. Assim, a análise não pode (ou não deveria) se orientar para uma avaliação sintética, como é o caso da orientação da maior parte das discussões públicas antes e depois do evento.
- 2 Sua forma é a de um enclave tensionado pelo contexto onde se situa. Comparações históricas são úteis apenas se contrastivas, já que, apesar de um certo acúmulo nos critérios de escolha do local e nos protocolos organizativos, a tentativa de autonomizar sua realização nunca pode isolar o processo de seu contexto particular.
- 3 Também é indispensável ter em mente que estudos sobre processos específicos, quando eles estão em pleno andamento – como é o caso deste pequeno texto – são aceitáveis e mesmo necessários. Entretanto, trata-se de ensaios especulativos que não podem ser confundidos com os modelos típicos da ciência social, os quais se sustentam em uma pretensão de validade empírica inacessível às cogitações sobre o significado histórico-social do que ainda está em fluxo.
- 4 Uma última observação preliminar. Os Jogos são um processo deflagrado por instituições internacionais envolvidas na política esportiva, que selecionam uma cidade-sede entre as que se candidatam a abrigá-los. Neste sentido, são um enclave postulado, pois *tudo se origina com a candidatura dos países*, os quais se guiam estrategicamente pela expectativa de “sucesso” na escolha, justificada pelas “vantagens” antecipadas. Os órgãos nacionais responsáveis devem orientar suas propostas de modo a contemplar a variedade de interesses das agências internacionais responsáveis pela escolha da sede e supervisão do processo. Todo o processo é delicado e polissêmico, além de imprevisível em seu desenrolar. Tudo que se pode dizer sobre o quadro geral das divergências é que as agências internacionais levam tanto mais vantagem nas variadas disputas de poder quanto menos fortes as instituições nacionais mas, além disso não ser regra imutável, os confrontos oscilam em um *continuum* em que permanecem nos bastidores a momentos de divergência mais acirrada que envolvem ameaças públicas.

Os Jogos Olímpicos no Rio

- 5 É inquestionável a diferença entre o clima político-econômico envolvendo o Brasil na época da escolha da sede dos Jogos de 2016 (o país esbanjava esperança e era louvado como um dos BRICS) e a conjuntura atual (provável *impeachment* da presidente, recessão, desemprego, crise sanitária de grande proporção). Hoje, até mesmo a opção de candidatar-se provavelmente seria impensável. Esta inflexão produziu duas importantes consequências conjugadas:
- 6 as enfraquecidas instituições nacionais encarregadas de organizar os Jogos tiveram reduzida a capacidade de defender as expectativas do governo nacional. A crise política interna levou à perda de apoio ao Executivo e ao Legislativo por parte da maior parte das camadas médias, portadora de tendências anti-estatais e moralistas; esse esvaziamento tem logrado carregar consigo parte das camadas populares (Le Monde Diplomatique/Brasil, 2016, esp. Texto de Boito Jr.; Singer, 2012; sobre o tema da vigilância, cfr. Cardoso, 2013). O resultado tem sido a marcada subordinação das instituições e empresas nacionais, quase como se o Rio de Janeiro tivesse sido alugado pelos órgãos internacionais encarregados da organização dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, os quais vêm impondo seus interesses com desenvoltura. Apesar de até certo ponto “normal”, esta é uma inegável distorção relativa à expectativa

brasileira de de horizontalizar a composição dos interesses envolvidos e garantir vantagens ao final do processo.

- 7 b) Na economia ocorreu inflexão equivalente, porém envolvendo atores e interesses de prazo mais curto, as duas dimensões ligando-se antes por afinidade eletiva do que por relações causais diretas. As empresas que aceitaram (ou forçaram) o convite para compartilhar os investimentos necessários pensando nos benefícios futuros, paulatinamente se tornaram temerosas dos efeitos negativos da contabilidade global do evento. Tem havido inúmeras especulações desses agentes a respeito de uma quebra da frequência esperada de público, prioritariamente internacional, mas também nacional, da ordem de 20% em relação às expectativas iniciais, o que é uma boa medida do temor envolvido nos resultados financeiros dos Jogos Olímpicos. Muitas empresas estão, no momento, dedicadas à redução de possíveis prejuízos antecipados, o que pode resultar em uma *self fulfilling prophecy*. Por motivos óbvios, tem havido apenas uma discreta divulgação pela mídia desses movimentos, porém eles são amplamente conhecidos.
- 8 Ademais, têm havido comentários a respeito de possíveis desistências de atletas já selecionados para participar das competições, visando proteger-se da epidemia de *aedes aegypti*, embora até o momento parece que nenhuma confirmada em definitivo. Esta é uma decisão-limite, difícil para atletas que vêm se preparando desde muito antes da virada representada pela crise sanitária. Mas o simples fato de existirem boatos e entrevistas cogitando de desistências é propaganda altamente negativa para a frequência aos Jogos no Rio e, portanto, um reforço para os receios dos capitais investidos.
- 9 Neste momento, considero inadequado, discutir em maior detalhe quais as prováveis consequências político-econômicas que advirão da realização dos Jogos. Quanto às consequências políticas, além de certamente multifacetadas como venho sugerindo, elas precisarão ser reavaliadas depois do *turning point* da crise, já que seu auge, a decisão sobre o *impeachment* da presidente, ocorrerá antes das competições e sem dúvida afetará a continuação do processo. Quanto às consequências econômicas, muita pesquisa terá que ser realizada para permitir aproximações razoáveis, necessariamente parciais, sobre que *tipos* de empresas, públicos e atores coletivos, ganhou ou perdeu com a realização dos Jogos de 2016. A expressão “aproximações razoáveis” implica a necessidade de considerar, em cada caso, a possibilidade de consequências que não se configuram como jogos de soma zero, em um cenário quase certo de aguda recessão.

Os Jogos do Rio e as camadas populares

- 10 Como deixa entender Boito Jr. no artigo citado, as camadas populares, seja a fração que tem acompanhado a classe média, seja a fração mais combativa, têm sido empurradas para atitudes mais reativas e defensivas do que protagonistas. De fato, enquanto parte delas não adota uma postura independente, os movimentos sociais minoritários, diante da(s) crise(s), têm tido cada vez maior dificuldade de publicização do que consideram seus interesseS e de vocalização de suas opiniões e reivindicações nas arenas institucionais.
- 11 Seja-me permitido oferecer, muito esquematicamente, dois exemplos.
- 12 Sérgio Magalhães, presidente da seção Rio de Janeiro do Instituto dos Arquitetos do Brasil, tentou, sem sucesso, sugerir que as interferências urbanas necessárias para abrigar os Jogos deveriam concentrar-se na região central, apresentando dois fortes argumentos: a) redução dos custos de preparação da cidade, combinando remodelação/reforma de estruturas já existentes com novas construções nos espaços centrais vazios e/ou degradados realizando a muito esperada revitalização do centro da cidade e recuperando sua perdida função residencial; b) redução dos custos atuais e futuros dos investimentos em transportes através da densificação da ocupação urbana.
- 13 Entretanto, apesar da reputação de competência do IAB/Rio, a discussão sobre essa possibilidade foi sumariamente descartada: quase sem debate, a decisão das instituições organizadoras brasileiras foi de que a maioria das obras seria realizada na área de expansão urbana, a fronteira oeste do Rio de Janeiro, para onde se tem dirigido a maior parte do capital imobiliário. Não tanto a decisão final em si mesma, mas o bloqueio da análise

da alternativa acima mencionada, é uma clara indicação da prevalência dos interesses da construção imobiliária e dos capitais ligados aos transportes urbanos e às obras civis que os acompanham.

- 14 É claro que a produção da cidade não poderia deixar de ser afetada por processos da dimensão dos Jogos Olímpicos. Mas note-se que a opção de investir na periferia seguirá o padrão tradicional de urbanização do Rio de Janeiro. Muito esquematicamente, ele se caracteriza por um crescimento aos saltos da mancha urbana – são deixados espaços vazios ou de muito baixa densidade entre as áreas já urbanizadas e os novos espaços ocupados. As glebas intermediárias ficam retidas como reserva de valor, à espera de que os próprios ocupantes dos loteamentos (em geral eivados de irregularidades) se mobilizem para obter serviços públicos e outros melhoramentos, os quais também beneficiarão as áreas intermediárias, provocando uma sobrevalorização das propriedades retidas. Com os investimentos nos Jogos, a sobrevalorização será imediata, apesar dos problemas jurídicos e construtivos que vêm se acumulando.
- 15 Esse processo tem provocado uma súbita transformação das relações sociais na fronteira atingida pelas atividades ligadas ao Jogos Olímpicos, cujos moradores originais fazem parte das camadas populares e, dada a rarefação da ocupação, têm dificuldade de articular movimentos de publicização de suas demandas. Isso não implica sugerir que os atores são inertes diante de forças político-econômicas muito superiores. Há indicações de que esses grupos desenvolvem com rapidez estratégias para obter as pequenas vantagens que estão a seu alcance ou, ao menos, não se deixar tragar pela avalanche que se abate sobre eles. Note-se que a sociabilidade local é também afetada pelo que os moradores mais antigos consideram uma “invasão”, o aumento repentino e crescente da presença de trabalhadores atraídos pelas obras¹. Paralelamente ao ajustamento às imposições de poderes supra-locais, isso provoca intensa alteração nas relações de vizinhança, quebrando a unidade rotineira das interações nas localidades e introduzindo ou aumentando a desconfiança entre os moradores, dada a presença de estranhos. Finalmente, mencione-se que, diante de transformações que fragilizam os controles sociais costumeiros, abre-se um terreno fértil para a expansão do mundo do crime que, portanto, acompanha a própria colonização da fronteira urbana – abrindo um leque de disputas e conciliações entre os traficantes de drogas ilícitas e as milícias².
- 16 Durante muitos anos as disputas em torno da regulação fundiária e construtiva do desenvolvimento urbanístico do Rio de Janeiro ocorreram em duas frentes, a ocupação das periferias durante o processo de formação do capital imobiliário e do mercado de terra e a ocupação dos interstícios centrais não construídos, por uma pobreza urbana progressivamente inflada com as migrações associadas à modernização econômica do país. Esquematizei o impacto sobre a periferia da cidade derivado da escolha de privilegiá-la na realização dos Jogos. Resta comentar os conflitos que, por envolverem as áreas centrais, sempre foram mais visíveis: os que tematizam o “problema da favela” (Machado da Silva, 2002).
- 17 Nesta questão, opunham-se duas perspectivas opostas sobre o que fazer com a ocupação irregular de muitas áreas intersticiais, desinteressantes para a incorporação imobiliária: “remoção” x “urbanização”. Essa profunda divergência sobre a orientação básica a ser adotada, que não deixa espaço para arranjos intermediários, afeta uma ampla fração das camadas populares desde o início da modernização da cidade, iniciada por volta dos anos 1930 e intensificada no Pós-Guerra. As posições oficiais, muitas vezes ambíguas e contraditórias, variaram durante esses quase cem anos segundo as macro-conjunturas político-econômicas e a força relativa das organizações locais, defensoras da “urbanização” contra a “remoção”. Com o fim da ditadura militar e a promulgação da “Constituição Cidadã” de 1986, parecia que a “remoção” havia se tornado uma alternativa restrita a casos muito especiais, de modo que o peso do “problema da favela” na agenda pública reduziu-se à medida em que as populações faveladas sentiam-se cada vez menos ameaçadas. Infelizmente, o quadro mudou.
- 18 A decisão de concentrar as atividades construtivas demandadas pelos Jogos na periferia da cidade implicou a necessidade de uma ampla intervenção sobre as condições de mobilidade urbana, o que, é preciso sublinhar, vem ao encontro de uma antiga reivindicação muito generalizada. De fato, este é um dos problemas seculares da cidade, fortemente relacionado

com sua localização, espremida entre a montanha e o mar, problema que se agrava na medida do crescimento populacional e das soluções automotivas que o regime de modernização econômica sempre privilegiou. Os grandes investimentos indispensáveis para a circulação que a realização dos Jogos na periferia impõe, podem ser considerados benéficos de um ponto de vista macro-social (este foi um dos argumentos que sustentaram a escolha vitoriosa da localização dos Jogos). No entanto, a implementação desses projetos reavivou a opção oficial pela “remoção”; caso emblemático dessa ameaça, que a resistência tenaz dos moradores levou à cobertura da grande mídia, é o da Vila Autódromo (Magalhães, 2013). Sempre que uma localidade interpõe-se ao traçado previsto para as obras viárias, a “remoção” tem sido a escolha oficial, sob o argumento do “interesse público”, por sua vez sustentado pelas afirmativas de custo financeiro mais baixo, abstraído seu impacto social e o efeito político do retorno das ideias de “remoção”.

Palavras finais

- 19 Este texto não comporta conclusões: desde o começo ele aposta na incerteza, na ambiguidade e na impossibilidade de apresentar sínteses unívocas a propósito de um processo amplo e complexo como os Jogos Olímpicos, especialmente considerada(s) a(s) crise(s) atual(is), *posteriores* à escolha do Rio como sede.
- 20 Gostaria de deixar explícito que, no que considero uma visão crítica ponderada, tentei pensar ao mesmo tempo o significado, *para a produção da cidade*, do impacto dos Jogos sobre, de um lado, os atores ligados à acumulação econômica, suas esperanças e angústias; e, de outro, sobre as vicissitudes da reprodução social das camadas subalternas. Tudo, é evidente, da forma esquemática que a dimensão do texto impõe.
- 21 Pela mesma razão de falta de espaço, deixei de fora o impacto, *para as agências internacionais* da escolha do Rio de Janeiro como sede das próximas Olimpíadas.

Bibliographie

Le Monde Diplomatique/Brasil, “Organizar a resistência”, Ano IX, nº 104, março de 2016 (esp. artigo de Armando Boito Jr.)

Singer, André, *Os sentidos do Lulismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

Cardoso, Bruno, “Megaeventos esportivos e modernização tecnológica: planos e discursos sobre o legado em segurança pública”, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 119-148, jul./dez. 2013.

Machado da Silva, L. A.: “A continuidade do ‘problema da favela’”, *In: Oliveira, Lucia Lippi de (Org.): Cidade: História e Desafios*, Rio de Janeiro, FGV, 2002, p. 220-237.

Magalhães, Alexandre Almeida de, Transformações no “problema favela” e a reatualização da “remoção” no RJ, Tese de doutorado, IESP/UERJ, 2013.

Notes

1 Saliente-se que também não é possível uma avaliação polarizada sobre o impacto da preparação dos Jogos Olímpicos no mercado de trabalho. Desde o início da preparação da cidade em 2011, ocorreu um grande e constante crescimento dos empregos temporários, em geral de baixa qualificação, que absorveram um significativo contingente das camadas populares. Por outro lado, justamente em um momento de crescimento alarmante do desemprego, o fim dessas atividades, segundo o jornal O Globo (04/04/2016), estará eliminando apenas no próximo mês (escrevo no início de abril) cerca de 30.000 postos de trabalho temporário. Como avaliar o resultado líquido entre um movimento positivo constante e uma reversão brusca? Com a crise, não há esperança de vivermos uma situação ideal, em que a massa de capital mobilizado pelos Jogos seria capaz de manter produtivamente o novo contingente de trabalhadores ativos.

2 Grupos paramilitares constituídos por policiais, ex-policiais, bombeiros, informantes, organizados segundo o modelo aproximado das máfias, cobrando “proteção” ao comércio, monopolizando atividades econômicas básicas (transporte alternativo, venda de gaz, etc.) e justificando sua ação como forma de defender as localidades onde atuam da presença do tráfico e, ironicamente, da violência urbana em geral.

Pour citer cet article**Référence électronique**

Luiz Antonio Machado da Silva, « Rio 2016: As olimpíadas da crise », *IdeAs* [En ligne], 7 | Printemps/Été 2016, mis en ligne le 03 juin 2016, consulté le 01 juillet 2016. URL : <http://ideas.revues.org/1396>

À propos de l'auteur**Luiz Antonio Machado da Silva**

IESP/UERJ, Pesquisador do CNPq, lmachado@iesp.uerj.br

Droits d'auteur

IdeAs – Idées d'Amériques est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.
